

Entre o machismo e o femismo:

Duas repressões, uma mesma prisão

A história das relações entre homens e mulheres, particularmente no Ocidente, foi marcada por dinâmicas de repressão. O modelo burguês do século XIX consolidou a estrutura familiar como um lugar de contenção: a mulher era silenciada socialmente, o homem emocionalmente mutilado. Ambos habitavam a mesma casa, mas não se encontravam como sujeitos. O homem existia para trabalhar e calar; a mulher, para servir e sorrir.

Cabe lembrar que, historicamente, o feminismo contou com o apoio de homens pensadores, como Charles Fourier, que já no século XIX denunciava os efeitos do patriarcado sobre a dignidade feminina. Além disso, a psicanálise — especialmente com Freud — teve papel fundamental ao abrir caminhos para a escuta do desejo da mulher. Ao colocar o inconsciente em cena, Freud possibilitou que as mulheres reconhecessem, nomeassem e assumissem seus próprios desejos, rompendo com a repressão secular que as colocava como objetos do desejo alheio.

A essa estrutura repressiva, muitos reagiram com coragem. O feminismo, em sua origem, não era um grito de guerra, mas um clamor por liberdade. Liberdade do corpo, da alma, do pensamento. Simone de Beauvoir, em **O Segundo Sexo (1949)**, desmascara a construção da mulher como “o outro do homem”: “Não se nasce mulher: torna-se.” — Beauvoir, 1949, p. 295. A frase é emblemática porque revela que a mulher foi, historicamente, um produto cultural — um papel ao qual se foi forçada, não uma essência espontânea.

Entretanto, no curso da história, a rebeldia nem sempre gerou liberdade. Como alertou Nietzsche, às vezes, aquele que combate monstros se torna ele mesmo um. Assim, parte do feminismo contemporâneo — especialmente sua vertente acadêmica e institucional — tornou-se o que aqui chamarei de femismo. Uma estrutura ideológica que, ao invés de libertar ambos os sexos, inverte a repressão sem removê-la.

Na lógica patriarcal do século XIX, o homem ocupava o espaço público, o discurso, a política. A mulher era o enfeite da casa, o útero que educava silenciosamente. O corpo feminino era território de controle — médico, religioso, jurídico. Como analisou Michel Foucault, em **História da Sexualidade**: “O sexo foi colocado sob vigilância: um poder saber foi formado sobre ele, que lhe fez dizer, a cada um de nós, sua verdade íntima.” — Foucault, 1976, p. 69.

Mas também o homem foi castrado — não no sexo, mas no afeto. A sensibilidade, o choro, a dúvida, o medo, a fragilidade — tudo isso foi suprimido pelo ideal viril de honra, força e razão. O homem aprendeu a dominar o mundo, mas perdeu a linguagem das emoções. Como diria Norbert Elias, em **O Processo Civilizador**, houve um refinamento das condutas que recalcou os afetos em nome da ordem social.

Hoje, contudo, a estrutura mudou de lugar. A mulher ocupa o espaço público. Exige fala, escuta, poder. E com razão. Mas a nova ordem simbólica — ao invés de curar — parece adoecer em outro polo. O homem tornou-se o novo suspeito universal. Qualquer gesto masculino é passível de ser interpretado como ameaça, opressão ou machismo velado.

É o que Camille Paglia denuncia há décadas. Em **Sex, Art and American Culture (1992)**, ela afirma: “O feminismo se tornou uma cruzada moralista contra o sexo. Substituiu o patriarcado por uma vigilância puritana com discurso progressista.” Para Paglia, o feminismo vitimista sufoca o desejo, torna a mulher emocionalmente frágil e torna o homem socialmente culpado. A mulher é infantilizada, o homem demonizado.

Esse femismo, portanto, não liberta. Ele repete a lógica repressora do machismo, apenas inverte os alvos: agora, o homem é quem deve calar no espaço social, e a mulher é quem deve sufocar emoções em nome da luta. Uma mulher revoltada, sempre alerta, sempre armada. Um homem desconfiado, contido, escondido.

Nesse novo cenário, surgem termos como “*machopata*” — um neologismo que, embora tenha seu lugar ao nomear comportamentos abusivos, muitas vezes é utilizado para *psicopatologizar* qualquer masculinidade que fuja do novo ideal relacional: gentil, contido,

“desconstruído”. A consequência é um apagamento do homem legítimo — não o do macho alfa violento, mas o do homem afetivo, sexual, contraditório, falível, mas presente.

Paglia afirma que o desejo é caótico e não pode ser domesticado. Ao tentar regular as relações humanas por códigos morais cada vez mais estritos, o femismo transforma o erotismo em tribunal, e o amor em protocolo.

O que o machismo fazia com as mulheres — reprimir sua presença pública e sua liberdade — o femismo agora faz com os homens. O que o machismo fazia com os homens — reprimir sua emoção e seu direito de errar — o femismo agora faz com as mulheres, ao exigir delas uma raiva constante, uma luta permanente, uma identidade blindada.

Ambos aprisionam. Ambos alienam. Ambos impedem o encontro.

No Gênesis, após a queda, Deus pergunta a Adão: “Onde estás?” (Gênesis 3:9). Essa pergunta não é apenas geográfica. É existencial. Onde está o homem? Onde está a mulher? Após a quebra da confiança, ambos se escondem — não apenas um do outro, mas de si mesmos. Talvez o nosso tempo seja, simbolicamente, esse momento: um tempo de homens e mulheres escondidos, armados, com medo, projetando no outro seu ressentimento ancestral.

Mas a reconciliação não virá da guerra. Não virá da censura. Não virá da inversão de papéis. Virá da escuta. “E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais...” — Malaquias 4:6. A cura está no afeto restaurado, no vínculo reumanizado, no amor que não se reduz a gênero, norma ou poder.

Não é mais possível chamar de libertação aquilo que apenas troca os lugares da opressão. O machismo e o femismo são duas formas de negar a complexidade do humano. Ambos fabricam inimigos, ambos instauram regimes de medo, ambos reduzem a alteridade à caricatura. O que precisamos é de um novo pacto entre os sexos — não um pacto ideológico, mas afetivo, espiritual, psíquico. Um pacto onde o homem possa sentir e a mulher possa confiar. Onde o corpo seja lugar de encontro, não de guerra. Onde o desejo não precise pedir desculpas por existir.

Que possamos escutar novamente a pergunta divina: “Onde estás?” E que, desta vez, não nos escondamos — e retornemos, trabalhando juntos, ao objetivo inicial de expansão do Jardim de Delícias (Éden).

Carlos Colect – Psicanalista

Referências

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

PAGLIA, Camille. Sex, art and American culture. New York: Vintage Books, 1992.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A Bíblia Sagrada. Malaquias 4:6; Gênesis 3:9.